Oficinas de música e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: experiência pedagógico-musical no CASE (Mossoró/RN).

Comunicação

Alexandre Milne-Jones Náder
UERN)
amjnader@gmail.com

Antonio Joelsonda Silva Melo
UERN
E-mail do(a) autor(a)

Weid Sandro de Souza Felix
UERN

Resumo: Com finalidade ressocializadora, a proposta de criação do Programa Direitos Fundamentais e Concretização Social (PRODECOS) se delineia na concretização de direitos fundamentais que estão estampados na Constituição Federal, na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) e na Lei no 12.852, de 5 de agosto de 2013 (Estatuto da Juventude). Em parceria com o Centro de Atendimento socioeducativo (CASE) de Mossoró, o PRODECOS estabelece um liame acadêmico entre a universidade e os sistemas de internação como medida socioeducativa, privativa da liberdade dos jovens em conflito com a lei. Articulando diferentes áreas de conhecimento através dos departamentos acadêmicos como Direito, Serviço Social, Comunicação e Música, o programa oferece oficinas, consultas e assistência social e jurídica para as famílias dos menores privados de liberdade. Por outro lado, esta ação extensiva proporciona a formação acadêmica dos discentes das graduações envolvidas e amplia os horizontes e as formas dos jovens, que cumprem medidas socioeducativas, se relacionarem com a sociedade. Neste relato de experiência, temos por objetivo apresentar o desenvolvimento das atividades relacionadas a música no Programa, atentando principalmente para as principais características do contexto, atividades realizadas e estratégias de ensino utilizadas.

Palavras-chave: extensão universitária; menores infratores; educação musical.

Introdução

Os atuais índices de violência contra a juventude têm despertado Estado, Instituições de Ensino Superior (IES) e Sociedade para a complexidade da temática, que envolve uma cultura urbana de afastamento e invisibilidade frente à realidade dos jovens, principalmente quando se trata de sujeitos negros, marginalizados e esquecidos pelas políticas públicas brasileiras.

Na voz do sociólogo Julio Jacobo Waiselfis (1998), na primeira série da obra 'Mapa da violência: os jovens do Brasil', provoca uma denúncia social e urgente da geografia analítica acerca da realidade dessa juventude que sofre cotidianamente com a ausência de ações do Estado e o silêncio das políticas garantidoras de uma vida digna, assim aduzindo:

> A realidade dos dados expostos coloca em evidência mais um de nossos esquecimentos. Jovens só aparecem na consciência e na cena pública quando a crônica jornalística os tira do esquecimento para nos mostrar um delinquente, ou infrator, ou criminoso; seu envolvimento com o tráfico de drogas e armas, as brigas das torcidas organizadas ou nos bailes da periferia. Do esquecimento e da omissão passa-se, de forma fácil, à condenação, e daí, medeia só um pequeno passo para a repressão e punição (WAISELFIS, 1998).

Dados da edição do ano de 2013 de 'Mapa da Violência' dão conta de que o número de homicídios na população jovem do Rio Grande do Norte de 2001 a 2011 aumentou 313,1% - tendo como número em 2001 o patamar de 99 (noventa e nove) casos de morte; contra 409 (quatrocentos e nove) no ano de 2011. O Estado do Rio Grande do Norte, no que se refere às taxas de homicídio (em 100 mil) na população jovem saltou de uma taxa de 17,2, em 2001, que representava a 24ª posição nacional; para uma taxa equivalente a 66,7, ocupando o 10º lugar no ranking nacional.

No Brasil, embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preconize as medidas sócio-educativas e haja uma normatização específica sobre elas - a exemplo do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE, Lei no 12.594, de 18 de janeiro de 2012), essas medidas continuam tendo um caráter repressor e não conseguem romper com a lógica do Código de Menores de 1979 e seu antecessor, de 1927. Aprofundam-se graves problemas que aliados ao estigma (GOFFMAN, 1988), que paira sobre esses meninos e sua difícil inserção social, perpassada por problemas como uso de drogas, contextos de desorganização familiar, precariedade de políticas públicas, dentre outros, só agravam o

problema.

Foi pensando nessas questões que o professor de direito Kildare de Medeiros Gomes Holanda, através da cooperação de diferentes departamentos acadêmicos Universidade do Estado do rio Grande do Norte, organizou um Programa que objetivou trabalhar com os jovens adolescentes que se encontram em regime de internação como medida privativa de liberdade, no Centro de Atendimento socioeducativo de Mossoró no Estado do Rio Grande do Norte.

O presente relato de experiência objetiva apresentar as principais características das oficinas de música oferecidas aos jovens no Programa, atentando principalmente para as principais características do contexto, atividades realizadas e estratégias de ensino utilizadas.

Perspectiva de ação com música

Os projetos educativos extra escolares, com finalidade social, têm mostrado a validade, no ensino das artes, das funções contextualistas - tais como o desenvolvimento da autoestima, da autonomia, da capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos, além de um pensamento mais flexível -, discutidas por Almeida, C. M. (2001), com base em exemplos de práticas pedagógicas escolares. Muitas vezes, tais projetos articulam essas funções contextualistas, voltadas para a formação global dos alunos, com o domínio do fazer artístico, inclusive como alternativa de profissionalização. Convém salientar que o domínio da linguagem e dos procedimentos técnicos envolvidos no fazer artístico são meios necessários à própria expressão (pessoal e artística), pois, como bem sintetiza Forquin (1982, p. 34), "[...] o desejo de expressão comanda a aprendizagem dos meios da expressão, os quais, por sua vez, alimentam e firmam esse desejo". Assim, esse domínio reafirma a confiança em si mesmo, contribuindo para a construção da autoestima (cf. Almeida, C. M. 2001, p. 23-24).

Como apresentado por Penna acreditamos que não é qualquer música ou qualquer ensino de música que é capaz de contribuir efetivamente para a formação global dos indivíduos e consideramos problemática a transferência pura e simples de práticas

conservatoriais para os espaços extra escolares alternativos dos projetos sociais. Diante das necessidades prementes dos grupos atendidos por tais projetos, que enfrentam precárias condições de vida, alternativas de realização pessoal, profissional ou social extremamente restritas, parece fácil considerar qualquer abordagem como válida, qualquer contribuição como positiva (PENNA, 2006).

Célia Maria de Castro Almeida (2001, p. 26-28), o ensino das artes baseado na reprodução de modelos - a chamada "prática modelar" - dificulta o desenvolvimento de habilidades ligadas à formação global, como a autonomia ou "a capacidade de dizer mais e melhor sobre si mesmo e sobre o mundo" (Almeida, 2001, p. 25).

A presença cada vez maior da música (e das artes em geral) em projetos educativos extraescolares, com caráter social - mantidos por organizações não-governamentais (ONGs), por instituições públicas ou outros tipos de entidades - nos remete aos diferentes papéis que a aula de música assume nesses contextos.

Considerando todos os pontos discutidos tivemos como foco no nosso trabalho pedagógico musical dialogar sobre músicas do cotidiano, bem como ampliar sua vivência musical através da audição, execução e criação da música. A linguagem musical possibilitou também que os mesmos pensem sobre sua realidade e a utilizem para expressar suas compreensões de mundo. O aprendizado técnico musical por sua vez possibilita que os alunos continuem seu aprendizado e participem mais efetivamente na sociedade através da arte.

Desenvolvimento das atividades:

Durante o período de planejamento do projeto foi proposto, a princípio para área de música, a realização de duas oficinas de música na semana podendo pensar, a partir desse grupo de colaboradores, apresentações e possivelmente a gravação da produção musical construído com eles durante o desenvolvimento do programa. Foram também pensadas ações coletivas que integravam mais de um departamento, exemplo dessas ações foi a programação do dia das mães e a festa de confraternização do Natal.

Além dos encontros realizados com os orientadores das diferentes áreas, todos os

envolvidos no projeto passaram por uma formação enfatizando características do grupo atendido, sobre de como se comportar e que movimentos deveríamos evitar durante as aulas. Essas orientações foram dadas pelos agentes do CASE e a assistente social desse espaço. Entre algumas questões referente a participação dos internos, foi colocada a alta rotatividade de adolescentes que entram e saem do CASE e que devido a presença de 2 facções que dividiam os jovens, nós teríamos que atender os dois grupos realizando uma oficina por semana com cada.

Por questões de segurança foi estabelecido o número de 7 a 9 adolescentes por turma. Além dos estudantes, estavam presentes dois alunos da graduação em Música e pelo menos dois agentes. Os encontros ocorriam na segunda à tarde e na quinta pela manhã. O projeto desenvolveu suas atividades de agosto à dezembro de 2020.

Para realização das oficinas de música foram adquiridos através do financiamento do CNPq ao PRODECOS, 10 violões, 5 teclados e um conjunto de instrumentos de percussão que envolviam tambores, ganzás, pandeiros, triângulo entre outros.

Os adolescentes que participavam das atividades eram escolhidos de acordo com o comportamento. Eram jovens entre 16 e 19 anos, em sua maioria de outras cidades da região do Alto Oeste potiguar. Todos relataram em um primeiro momento alguma experiência com a música e alguns, experiência com instrumentos musicais.

Figura 1: Registro do segundo encontro com os participantes de uma das turmas da oficina.

Fonte: Acervo do autor.

Após o primeiro encontro, no qual buscamos identificar um pouco a respeito da vivência musical e o repertório que ouviam, definimos junto a eles um conjunto de músicas que eles gostariam de aprender a tocar. Nas turmas, os estudantes se dividiram entre os que tocavam violão e os que tocavam teclado, nenhum deles escolheu a percussão. Como tínhamos monitores experientes nesses dois instrumentos, buscamos realizar uma aula bem prática em que eles aprendessem suas partes diretamente no instrumento e conseguissem treinar no período da aula. Não era possível eles levarem os instrumentos para os alojamentos nem caderno com anotações. Foram elaborados, neste sentido, arranjos simples de fácil execução e o acompanhamento percussivo foi feito pela bateria gravada dos teclados.

Nosso maior problema para realização das atividades e apresentações foi a constante rotatividade dos estudantes. Muitos internos que participavam da oficina foram saindo do regime de internação e não voltaram mais às oficinas. Cientes dessa dinâmica foi preciso

repensar objetivos e o trabalho musical. A partir deste ponto ficou claro que deveríamos optar por uma aula que acolhesse os novatos e desse continuidade aqueles que estavam a mais tempo.

Definimos então uma sequência de atividades a serem realizadas na aula. Começamos sempre em roda lembrando das músicas tocadas e suas notas, nesse momento identificávamos as dificuldades e o que deveria ser trabalhado. Ainda em círculo, sempre levávamos outras músicas para eles apreciarem e dialogarmos sobre instrumentos musicais, características de diferentes vozes, quem produz a música, qual a mensagem da letra e como melodia foi trabalhada enfatizando a dinâmica musical. O segundo momento era com os instrumentos, no qual eles iriam treinar a parte instrumental de forma individual com orientação dos monitores. Por último, na aula, tocávamos todos juntos.Durante a execução os monitores corrigiam posições, notas e ritmo, entre outros aspectos.

Apresentações musicais

Durante os quatro meses de atividade do PRODECOS no CASE, realizamos duas apresentações musicais. A primeira, durante um curso de formação de novos agentes no qual o professor e os estudantes de música apresentaram o projeto do Programa e, ao final do evento, fizemos uma apresentação com os jovens participantes da oficina de música.

Figura 2: Registro do ensaio para confraternização do Natal

Fonte: Acervo do Autor

A segunda apresentação ocorreu no final do ano. Foi definido que na festa de confraternização dos internos no final de dezembro/2019, haveria apresentação do resultado das oficinas das diferentes áreas que compunham o Programa. Vale salientar que, apesar de ter apenas uma programação, a festa foi realizada em dois momentos semelhantes, um para cada grupo de internos que se identifica com determinada facção.

No momento das apresentações foi possível verificar o sorriso e a felicidade dos internos participantes. Tudo começa com muita tensão pelo medo de errar e falta de familiaridade com a performance. Mas, quando se veem capazes de realizar algo musicalmente e que isso é reconhecido e valorizado por outras pessoas, sejam agentes de segurança ou familiares, a perspectiva com o trabalho musical muda. Agora, eles tinham algo a mais para se relacionar com a sociedade com atitudes diferentes das quais os levaram, naquele momento, a estar privados de liberdade.

Figura 3: Passando a parte dos violões antes da apresentação

Fonte: Acervo do autor

Nas aulas após as apresentações, ao serem questionados sobre essa experiência, foi unânime por parte dos aprendizes a vontade de gravar as músicas tocadas. Apesar das dificuldades mencionadas acima, como rotatividade dos estudantes e a impossibilidade dos internos praticarem os instrumentos fora das oficinas, combinamos com eles e com a direção do CASE momentos extras de ensaio e de gravação. Percebi, neste momento, que algo que havia começado sem grande expectativas agora era levado a sério pelos internos que quando convidados a opinar na produção levantavam questões de mixagem, afinação e instrumentação o que promoveu diálogos e construção de outros conhecimentos importantes na produção musical. Instrumentos gravados, vozes inseridas e mixagem feita disponibilizamos na plataforma do Soundcloud[1] as produções musicais.

Avaliando a participação da área de Música no PRODECOS

Ao participarmos de um projeto de extensão a avaliação em suas diferentes perspectivas é atividade necessária, tanto no sentido de verificar os caminhos escolhidos no andamento e auxiliar no planejamento da ação quanto, de forma mais ampla, verificar se a ação auxiliou na formação dos graduandos, na construção de conteúdos a serem debatidos em sala, modificou a compreensão de ensino de música por parte dos envolvidos e qual significado da ação por parte dos internos entre outros aspectos.

[1] As produçõe musicais realizadas estão disponíveis no link: XXXXXXXXXXXXX

Pela própria característica da extensão, o trabalho é realizado com atores da comunidade com diferentes vivências e compreensões de mundo. Para desenvolver uma avaliação que desse voz a esses adolescentes no que diz respeito a oficina de música, durante algumas aulas foram registradas as falas dos participantes. Outros recursos de avaliação como relatórios, registro audiovisual e diários foram elaborados pelos monitores bolsistas e pelo professor coordenador de área.

Por parte dos internos, vimos que muitos dos que iniciaram não continuaram cedendo seu lugar a outros participantes. Após algumas aulas, a participação deles se deu de maneira mais intensa. Se no início tínhamos uma turma calada com pouca participação na aula, a partir do momento que começamos a dialogar sobre música, formação e oportunidades, vimos que em muito os anseios deles se assemelham com os dos monitores. A idade aproximada, trabalhar a partir do repertório deles e tocarmos em roda compartilhando a responsabilidade sonora, aproximou os indivíduos e tornaram as coisas mais simples. Como apresentado pelos menores que participaram das atividades ao monitor de música:

> *Entendeu?! É desses tipo de música que eu gosto. Brega Funk. Eu gosto desse tipo, mas a letra não pode tocar aqui (risos). Quando vc chegou aqui achei que era aquele bla bla blá…. Ma vc toca o Rapa! Boy é massa! Aí tô aqui. Eu tô pra sair final de mês ou o outro, mas dá tempo de aprender não dá?(depoimento, participante 01)*

> *Dá pra formar um grupo (risos) a gente vai fazer turnê pros menor do RN (risos).* (depoimento, *participante 02).*

Desde o início buscamos uma relação próxima mostrando que muitas coisas que faziam parte do mundo deles também era compartilhado por nós. Mas, acredito que essa cumplicidade se deu de forma ampliada na produção das músicas gravadas. Ali, notamos que a distância entre monitores e estudantes era quase nula pois ambos os grupos dialogavam entre sí em favor de algo comum. Os próprios agentes em certos momentos pegavam os violões e tocavam conosco na grande roda.

Apesar de pouquíssimos terem participado de todos os encontros, vimos que

muitos saíram dessa experiência tocando um instrumento musical, sabendo construir notas musicais que poderão ser base para o desenvolvimento musical posterior. Na confraternização, vários jovens fizeram questão de tocar para seus familiares e apresentar os professores. Com essas atitudes a própria equipe compreendeu que as atividades de certa forma foram significativas.

A experiência de participar do planejamento e ministrar aulas de música em um novo contexto, foi uma experiência enriquecedora para os graduandos em música que participaram como monitores. Segundo eles, o planejamento das aulas e as estratégias utilizadas ampliaram os recursos pedagógicos em mãos para futuras ações pedagógicas. Nota-se que a formação que tiveram e o convívio com os menores privados de liberdade através da música amplos também a compreensão de como o trabalho musical pode ir além dos objetivos musicais e tratar de auxiliar em processos de reinserção social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação no programa de extensão integrado a outros departamentos possibilitou a realização de um trabalho conjunto no qual as pessoas atendidas tinham acesso a apoio social, consulta jurídica, participação em oficinas de música e de educação física. Com duração de 4 meses conseguimos atender mais de 50 jovens privados de liberdade e suas famílias através dos atendimentos nos dias de visita.

Vimos que essas ações são mais que necessárias para que os jovens que se encontram ali participem de um programa de reinserção social capaz de mostra-lo outras perspectivas possíveis no seu convívio em sociedade.

Para os monitores participantes, esta ação permitiu conhecer um novo contexto de ensino com dinâmicas e regras próprias. O planejamento e o desenvolvimento de ações auxilia o profissional em formação a pensar estratégias futuras de ensino de música.

A aproximação entre universidade e CASE nos mostra as diferentes formas que a academia pode contribuir com esses espaços realizando atividades que venham a somar com os objetivos definidos. A partir desse diálogo, teremos instituições apoiadas pela

pesquisa, ensino e extensão que ocorrem na universidade, bem como esta última se manterá atualizada frente aos contextos existentes em nossa realidade.

No que tange especificamente ao ensino de música foi possível verificar que a música, além dos aspectos técnicos interpretativos, pode servir de meio para objetivos caracterizados pela formação global do indivíduo. Ao sentir-se capaz de realizar e ver a valorização de uma produção artística sua, o jovem privado de liberdade se sente motivado a produzir mais e compreende que existem outras formas de se relacionar em sociedade que não seja por ações infratoras.

Referências:

ABROMAVAY, Miriam et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers*; juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). *O ensino das artes*: construindo caminhos. Campinas: Papirus, 2001. p. 11-38.

_____. Oficinas de música: será a formação acadêmica necessária? *Educação*, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 105-117, 2005.

BRASIL. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília: Conanda, 2006.

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente.* Lei 8.069/1990. Brasília. 2012.

FORQUIN, Jean-Claude. A educação artística - para quê? In: PORCHER, Louis (Org.). *Educação artística*: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982. p. 25-48.

GOFFMAN, Erving. Estigma. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PENNA, Maura. Desafios para a educação musical: ultrapassar oposições e promover o diálogo. *Revista ABEM*, Porto Alegre, V. 13, 35-43 mar. 2006.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Juventude viva*: homicídios e juventude no Brasil. Brasília: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1jtCDFL> Acesso em: 22 mar. 2014.